

ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA DAS TRANSFORMAÇÕES NO MONTANHISMO¹

Pedro Bevilaqua Pupo Ferreira Alves²
Bruno Boschilia³
Ricardo João Sonoda Nunes⁴

Resumo:

A partir de meados do século XX, verifica-se a disseminação de atividades esportivas realizadas em contato com a natureza. Dentre estas práticas, o presente estudo centrará foco nas manifestações do montanhismo e, através de uma análise histórico-sociológica, buscar-se-á identificar como as alterações sociais ocorridas durante o período entendido como modernidade influenciaram o desenvolvimento do montanhismo ao longo deste período. Deste modo, o presente trabalho contribui para o entendimento histórico-estrutural desta prática e aponta como essas alterações reorientam a prática e o consumo do montanhismo.

Palavras-chave: *montanhismo, modernidade, mercantilização esportiva.*

INTRODUÇÃO

Considerando a modernidade como pano de fundo onde estão dispostas as estruturas que orientam a vida a partir do século XVII, acredita-se necessário demonstrar o entendimento de modernidade neste trabalho para esclarecer quais são suas características, e como suas características influenciaram a sociedade e conseqüentemente, o esporte – especificamente ao longo entre os séculos XVIII e XX.

Do ponto de vista de Giddens (1991), a modernidade é um estilo de vida que surge no século XVII apoiado pelos saberes advindo de uma ética protestante que preza pela racionalização da vida e pela exaltação do trabalho como “ferramentas” para o desencantamento ou desmistificação do mundo.

Estruturado sob este *modus operandi* surge o capitalismo industrial, e dele, prontamente ocorrem rápidas alterações que vão delineando as características que emergem neste período. Esse estilo de vida promove rápidas alterações nas estruturas sociais, impulsiona a urbanização, “acelera” a comunicação ocasionando um re-dimensionamento na percepção espaço-temporal, modifica os processos de produção causando a industrialização, segue expandindo o desempenho tecnológico (segunda revolução industrial), a transformação de produtos e serviços em mercadorias, e a espetacularização da vida cotidiana (GIDDENS, 2001).

Sob a constituição e orientação deste sistema⁵, surge e se desenvolve o esporte moderno, mas as práticas esportivas só foram possíveis a partir do desenvolvimento da tecnologia e das lutas sociais que ocasionaram respectivamente, a diminuição dos trabalhos físicos e a redução da jornada de trabalho, aumentando o tempo livre do trabalhador. Desta forma, como demonstra Feixa (1995), aumentou-se a participação em

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr. – CEPELS/DECISO/DEF/UFPR.

² mestrando – DEF/UFPR

³ Mestre – DEF/UFPR

⁴ Mestre – DECISO (PGSOCIO)-CEPELS/UFPR/SESI

⁵ No sentido de Habermas “teoria da ação comunicativa”.

atividades esportivas e ao mesmo tempo, ocorrem restrições em demonstrar emoções fortes em público ante ao aumento do controle social e do autocontrole, levando a um aumento de situações de “descontrole controlado” ou atividades miméticas⁶.

Assim, localiza-se na matriz teórica de Norbert Elias que o aparelho psíquico do homem moderno sofre alterações conforme essas características vão sendo produzidas em decorrência do alargamento das teias de interdependência. Essas, por sua vez, impulsionam a psicologização e a imprevisibilidade em relação à direção do “jogo social”, como resultado destas características, ocorre uma restrição em externar as vontades mais reservadas do indivíduo em detrimento de sua condição futura no andamento deste jogo. Assim, há uma diferenciação nos controles sociais e o autocontrole vai sendo desenvolvido em cada indivíduo.

Essas modificações alteram o foco da ação do indivíduo do “eu” para o “nós” e gera tensões que precisam ser “refrescadas” para a manutenção da saúde psíquica. Deste modo, o esporte moderno apresenta-se como carreador de uma importante função social – uma vez que, como atividades de lazer na esfera do tempo livre, essas atividades possibilitam aos praticantes uma maior liberdade para manifestar emoções “reprimidas” nas outras esferas sociais – cumprindo um papel de expurgar as tensões acumuladas que emergem da vida em sociedade, em decorrência da direção tomada pelo processo civilizador.

Nessa linha de raciocínio, o montanhismo pode ser compreendido como prática que tem como função proporcionar emoções específicas e que, complementam as tensões decorrentes do cotidiano rotineiro vivido pelo homem. Como explicam Elias e Dunning (1992, p. 105), a função dessas atividades e a carga emotiva que emerge da vida cotidiana são complementares e “uma não se pode compreender sem a outra”.

Entretanto, a assertiva anterior não deve ser “mal” interpretada para que não ocorra o mesmo erro de algumas décadas atrás e, que resultou na negligência do lazer como objeto de estudo das ciências sociais. Em outras palavras, ao dizer que as emoções suscitadas nas atividades de lazer são complementares àquelas surgidas no cotidiano, especificamente, no tempo de trabalho, pensou-se o tempo de lazer como sinônimo do tempo livre. Contudo, não se pode considerar que todo o tempo livre é preenchido por atividades de lazer, pois o contrário, as atividades de lazer são realizadas apenas em um período do tempo livre.

De maneira geral, o surgimento dessas atividades em contato com a natureza responde ao contexto social das sociedades mais diferenciadas que produzem um alto nível de autocontrole e mecanismos mais eficientes de controle social, gerando níveis de *stress* elevados. Assim, essas atividades são estímulos encontrados para produzir uma resposta emocional capaz de re-equilibrar a saúde mental dos indivíduos que vivem sob uma condição excessivamente “regrada” decorrente das sociedades altamente diferenciadas e complexas em relação às suas funções e relações de interdependência.

O relato de Bass⁷ reforça o argumento construído em cima dos pressupostos teóricos de Elias e Dunning (1992), quando o montanhista descreve o sentimento de estar na montanha e o impacto em seu cotidiano,

⁶ Observou-se que os autores Cantorani e Pilatti (2005), Cantorani e Oliveira Jr. (2005) e Camacho (1999), apresentam as contribuições da matriz teórica desenvolvida por Norbert Elias, bem como sua obra *A busca da excitação* em parceria com Eric Dunning (1992), para interpretar o surgimento das atividades físicas de contato com a natureza, sob o contexto urbano-industrial-capitalista.

⁷ Dick Bass é um empreendedor americano dono de companhia de óleo no Texas, um *resort* de ski em Utah e negócios com carvão mineral no Alaska. Ficou mundialmente famoso por ser o primeiro homem a

[...] Eu estou tentando compensar o desapontamento que encaro quando não estou nas alturas (montanha) e, para fazer isso eu preciso ter um desafio, algo que me faça ter raça, que me force ao limite da tensão. Tem que existir um espírito de aventura nisso também, e um elemento de incerteza e risco. Então, quando eu prevaleço, quando supero e consigo, eu volto para casa, de volta para os banqueiros e contadores, e com certeza estou recarregado e pronto pra encará-los (BASS, 1986 p. 2).

Desta perspectiva, compreende-se a relação de interdependência entre o desenvolvimento das sociedades modernas (ocidentais) e o processo civilizatório. À medida que a sociedade vai se desenvolvendo nos padrões ocidentais avança rapidamente em relação à velocidade das informações, comunicação, tecnologia, entre outros, causando uma complexização nas cadeias de interdependência. Portanto, as relações sociais tornam-se precarizadas, no sentido de que deste emaranhado de interesses e ações comporta cada vez mais indivíduos e instituições deixando aos indivíduos cada vez menos possibilidades de expressarem e agirem conforme sua vontade. Essa privação das vontades individuais, em detrimento de uma ação que favorece a manutenção de um funcionamento coletivo, demonstra o caráter restritivo dado à imprevisibilidade do “jogo social”. Assim, demonstra-se como esse processo cego⁸ é potencializado pelas características desenvolvidas na modernidade.

Entretanto – acompanhando a linha de raciocínio corrente entre os estudiosos da temática – pensa-se a “fuga à natureza” como uma demanda socialmente construída para saciar as necessidades emocionais do homem moderno, mas sem desconsiderar que essas práticas estão inseridas numa lógica de mercado. Portanto, o montanhismo como “fuga à natureza” é considerado neste trabalho como uma opção de consumo entre os outros programas esportivos disponíveis⁹.

Deste modo, buscar-se-á fazer uma análise de como essas características que configuraram a modernidade influenciaram as características do esporte em uma direção específica.

Para isso, Brohm citado por Hirata e Pilatti (2007, p. 5), indica quatro características específicas que sugerem o surgimento do esporte moderno (aumento do tempo livre e o desenvolvimento do lazer, desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação de massa, o desenvolvimento técnico-científico, e a possibilidade de enfrentamento das nações em âmbito mundial) e que são suscetíveis a influência do,

princípio da eficácia preconizado pela modernidade. A eficácia das máquinas automatizadas diminui a carga de trabalho semanal dos trabalhadores, aumentando o tempo livre dos mesmos; os meios de transporte ficaram cada vez mais rápidos, seguros e acessíveis, possibilitando o maior intercâmbio entre os atletas; os meios de comunicação de massa continuamente a desenvolveram novas tecnologias proporcionando trocas de informações, imagens e sons mais velozes e de qualidade, alavancando a venda global de direitos de transmissão de eventos esportivos; os materiais esportivos ganharam o reforço da ciência e da tecnologia para incrementar o desempenho dos atletas, e finalmente, o enfrentamento entre as nações ganhou o propósito de tentar demonstrar através das competições esportivas a eficácia dos seus sistemas políticos e produtivos.

subir o pico mais alto de cada um dos 7 continentes em companhia de Frank Wells (presidente da Warner Bros).

⁸ No sentido atribuído por Elias em *O processo de civilização: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

⁹ Desse pressuposto, faz-se necessário apontar que o montanhismo e as práticas de contato com a natureza surgem das próprias estruturas orientadas pelo *projeto modernista*.

Nota-se que essas características são encontradas no desenvolvimento do montanhismo durante os séculos XIX e XX, contudo, orientam sua prática em um ritmo mais lento do que em outras modalidades e só consolidam-se ao ponto que o montanhismo vai sofrendo modificações em direção a assumir os contornos das práticas esporte-espetáculo.

Portanto, através do resgate histórico do montanhismo, buscar-se-á analisar o desenvolvimento esportivo dessa prática e descrever como as características do esporte moderno sutilmente orientaram a prática do montanhismo em direção aos contornos do esporte-espetáculo, e como essas características produziram modificações em suas práticas e representações.

APRESENTAÇÃO DO MONTANHISMO

Ao final do século XVIII, um caçador e um médico francês tornam-se os primeiros homens a atingir o cume do Mont Blanc, após o geógrafo – aristocrata – H. B. de Saussure ter ofertado um prêmio em dinheiro e desafiado qualquer homem a subir até o cume da referida montanha. A partir deste feito, o montanhismo passa a ser visto como uma opção de prática “esportiva”¹⁰ e – ainda em estágio embrionário – de lazer. Entretanto, é em meados do século XIX – com o aumento do tempo livre e o desenvolvimento de equipamentos “rudimentares” – que essas atividades são caracterizadas como atividades de lazer e desenvolvidas – inicialmente – nas imediações de Chamonix, França.

O alpinismo começa a ser organizado na Europa em meados do século XIX e cresce em popularidade devido ao alto valor simbólico inerente às conquistas e ao mito heróico atribuído aos praticantes. Essas características proporcionaram prestígio à modalidade a ponto dela tornar-se um instrumento de propaganda imperial, onde as grandes nações da época como Inglaterra e França bancaram expedições visando atingir o cume das maiores montanhas do mundo.

Nessa mesma época ocorre o primeiro relato do montanhismo no Brasil. José Franklin da Silva conquista o Pico das Agulhas Negras no Estado do rio de Janeiro, fato apreciado pelo imperador D. Pedro II que imediatamente designa uma equipe militar para desbravar o então, mais alto o pico do país, pico da Bandeira. (HAUCK, s/d)

Todavia, a primeira expedição organizada por montanhistas para subir um pico sem outras razões a não ser apreciar a paisagem e chegar até o topo da montanha ocorre no Paraná em 1879, quando José Olímpo chega ao pico (Olímpo) na Serra do Marumbi (HAUCK, s/d).

Ao final de 1919, quando dez jovens funcionários públicos, comerciantes e estudantes fundam o Centro Excursionista Brasileiro (CEB) – a primeira instituição de montanhismo da América Latina – o montanhismo começa a tomar contornos esportivos. Nos anos compreendidos entre 1930 e 1950, identifica-se uma guinada em

¹⁰ Ao iniciar a descrição do surgimento do montanhismo por este fato, conscientemente despreza-se indicações anteriores do surgimento do montanhismo, uma vez que o presente trabalho pretende identificar as alterações no sub-campo esportivo do montanhismo decorrentes da modernidade. Desta forma, pelo recorte temático pretendido, estamos desconsiderando as indicações do montanhismo como práticas culturais realizadas com objetivo de locomoção e sobrevivência de povos que anteriormente já possuíam noções e técnicas encontradas no montanhismo e, que foram aprimoradas e sistematizadas a partir do século XIX. Portanto, como esta foi a primeira escalada a apresentar as características de conquista do esporte montanhismo, mesmo não apresentando outras características surgidas em meados do século XIX, foi contemplada para documentar o ponto inicial desse resgate histórico. Assim, Costa (2003), define o montanhismo como prática esportiva de subir montanhas com o propósito de atingir o cume, seja através de caminhadas ou escaladas.

direção à institucionalização de suas práticas, quando mais clubes e associações de montanhismo são fundados. Seguindo essa direção, o número maior de praticantes e o conseqüente aprimoramento de técnicas, culminam com o desenvolvimento da primeira escola de guias em 1944, fato que sugere um marco da profissionalização dessa prática esportiva no Brasil (COSTA, 2004, p.5) ¹¹.

A utilização do montanhismo como meio de mensurar a eficácia e grandeza das nações-estado continua a ser evidenciado e marca um dos feitos históricos de sua trajetória. Logo após a I Guerra Mundial, a Inglaterra falha na tentativa de colocar o primeiro homem nos Pólos Sul e Norte e, de imediato, em busca de resgatar seu prestígio nacional e elevar a moral britânica, desafia o mundo a subir no ponto mais alto do planeta (HAUCK, s/d). Fato que evidencia a competição e – como será retomado adiante – gera a comparação de resultados.

George Mallory, o grande alpinista inglês aponta o montanhismo já na década de 1950 como mero desafio e competição com a natureza,

*"Se alguém me perguntasse qual a utilidade de se escalar, ou de se tentar escalar o pico mais alto do mundo, eu seria obrigado a responder: Nenhuma! Não há nenhum objetivo científico a ser alcançado; é simplesmente a satisfação do impulso de realização, o desejo indomável de ver o que jaz além, que sempre pulsa no coração do homem. Com ambos os pólos alcançados, o poderoso cume da cordilheira do Himalaia permanece como a maior conquista disponível ao explorador."*¹² (HAUCK, s/d).

Dessa forma, o montanhista apresenta o alpinismo como uma prática esportiva que tem como combustível a ambição do praticante e seu desejo em superar marcas. Esta característica indica o montanhismo como prática que além de possibilitar a comparação entre Estados, também simboliza o espírito capitalista impulsionado pelo ideal protestante. Isso mostra como o risco imanente das práticas é uma característica homóloga à lógica político-econômica que ganhava força, o neoliberalismo.

Em 1953, no mesmo dia em que os participantes da expedição inglesa (o neozelandês Hillary e o Sherpa nepalês Tenzig Norgay) atingem o ponto mais alto da Terra, a Rainha Elizabeth II é coroada na Inglaterra e, prontamente reconhece a “grande conquista inglesa”, nomeando *Sir* Edmund Hilary¹³.

Nos anos seguintes, as mais altas montanhas do mundo passaram a ser alvos de montanhistas e praticamente todas já tinham sido conquistadas durante os anos de 1970, reforçando o argumento de que o montanhismo desenvolve-se rapidamente nas décadas de 1960 e 1970 em função de características do esporte contemporâneo, quais sejam a busca por recordes e a comparação de resultados.

Em 1970, usando métodos nada tradicionais¹⁴ o italiano Maestri causa uma polêmica no campo do montanhismo mundial, em decorrência disso, discussões acerca da ética montanhista ganham espaço neste campo, onde alguns alegam que não importa mais chegar ao cume de uma montanha, mas como chegou e por onde chegou. Desta

¹¹ O papel (institucional) de organizar e regulamentar a prática do montanhismo anda passo a passo com a idéia de burocratização e eficiência do projeto modernista, entretanto, é necessário ressaltar que estas características ocorrem em intensidades diferentes e com um certo “atraso” no esporte brasileiro, assim como entre uma modalidade para outra.

¹² Grifo do autor.

¹³ HANSEN, P. *Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain*. The Journal of British Studies, Vol. 34, No. 3, Victorian Subjects. (Jul., 1995), pp. 300-324. traz detalhes sobre esta conquista “inglesa” e sobre a invenção do montanhismo.

¹⁴ Utiliza um compressor para fazer furos na rocha e fixar pontos de proteção.

forma, “só” atingir o cume perde seu poder e, as habilidades e técnicas passam a conferir maior prestígio aos montanhistas (HAUCK, s/d).

Este fato marca o desenvolvimento tecnológico e a evolução dos equipamentos de forma paradoxal. Uma vez que, facilita as condições de ascensão melhorando o desempenho dos praticantes¹⁵ e os garantindo mais segurança, ao mesmo tempo, parece por em risco a saúde das montanhas e, conseqüentemente, a vida útil do montanhismo. Por um lado, propulsiona o (produto) montanhismo no cenário esportivo, na medida em que possibilita a comercialização de sua prática e do estilo de vida referente a ela, a “profissionalização” e a busca por recordes. Por outro, ameaça o futuro da prática, pois a facilidade em ascender às montanhas mais difíceis leva ao “esgotamento” de locais para escalar e o excesso de proteções e “interferências” do homem no ambiente de montanha.

Conforme os picos nunca-conquistados foram se esgotando, os montanhistas “profissionais” tiveram cada vez mais que se arriscar para realizar feitos inéditos e manterem-se na disputa pelo financiamento de patrocinadores, ou então enveredar para o ramo do turismo de aventura guiando clientes em expedições comercializadas por empresas de turismo.

Qualquer montanha que já tenha sido conquistada será “vítima” de exploração e terá informações sobre seu terreno, dificuldades e peculiaridades reveladas à comunidade montanhista, com isso diminuem as incertezas quanto à este local e sua conquista passa a não conferir tanto prestígio ao “conquistador”. Cada vez o incerto é mais racionalizado e controlado pelas informações e equipamentos.

O montanhista austríaco Reinhold Messner, conhecido como o maior escalador de todos os tempos, contrapõe esta maneira de escalar e, sem utilizar quase nada de equipamentos e tecnologia, faz história no mundo montanhístico. Em 1978, Messner foi o primeiro homem a subir o Everest sem oxigênio suplementar, foi o primeiro a escalar uma montanha de oito mil metros em estilo alpino, o primeiro a fazer uma travessia entre duas montanhas de oito mil metros, o primeiro a fazer uma ascensão completamente solo à um pico de oito mil metros, e o primeiro a escalar todos os picos com altura acima de oito mil metros e, sem oxigênio. Ele ainda escalou os cumes mais altos de cada um dos sete continentes (HAUCK, s/d).

A mercantilização dos símbolos e signos relacionados às práticas de contato com a natureza, contribui para que cada vez um maior número de pessoas inexperientes esteja nas montanhas por meio de expedições pagas. Portanto, em decorrência desta prática, pensa-se que mesmo havendo uma redução na taxa de morte por ascensão bem sucedida, pode ocorrer um incremento – desnecessário – ao risco de vida desses praticantes e colocar em risco os outros integrantes da expedição.

As conquistas dos alpinistas da nova geração acabam se tornando as de escalar as montanhas pelas rotas e jeitos mais diferentes possíveis. Alguns vão porque se tornariam os primeiros em seus países a conquistar os cumes, já outros vão para quebrar *records* de velocidade. Pessoas se tornam os únicos a descer o Everest de parapente ou até mesmo, *snowboard*. Inúmeras fatalidades acontecem e o número de mortes em montanha explode (HAUCK, s/d).¹⁶

¹⁵ Apenas a título de ilustração, identificou-se um aumento de 466% na taxa de pessoas que atingiram o pico do Monte Everest nos anos de 1970 em comparação aos anos de 1960. Fonte: www.everesthistory.com.

¹⁶ A página eletrônica www.everesthistory.com apresenta uma série de recordes relacionados ao montanhismo, inclusive uma seção intitulada como “primeiros”.

Assim, através de representações espetacularizadas do montanhismo e, do mercado criado em torno deste estilo de vida, preliminarmente, pode-se dizer que esta “nova” prática – os novos estilos; as escaladas de dificuldade criadas para classificar a dificuldade de uma via, e assim, possibilitar a comparação de resultados; a inserção midiática, a variedade de equipamentos – reflete as alterações estruturais que historicamente tracejaram a lógica que orienta a prática do montanhismo.

Ao ser indagada sobre a crescente classificação das vias de escalada do Morro do Anhangava-PR por meio de escalas de dificuldade, a informante diz, “quando eu falo com os mais novos sobre a ‘filosofia’ do montanhismo, a história, eles falam que eu to ficando velha”.

Deste relato, identifica-se que a informante ao encontrar dificuldades de “dialogar” com os que ela chama de mais novos e consente que esteja ficando velha, interpreta-se que há uma transição nos signos e símbolos partilhados entre essas duas gerações. Desta forma, considera-se que há uma modificação na *lógica da prática*, portanto, nos ideais e valores do montanhismo contemporâneo.

Diante das características da modernidade que delinearão a instauração do esporte moderno, acredita-se que esta dicotomia tenha sido em certa medida, fruto da orientação competitiva, mercantilizada e espetacularizada com que o conjunto de práticas esportivas designadas como montanhismo sofreu em sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim conclui-se que, as características emergentes da modernidade produziram alterações no esporte, tais como a racionalização do rendimento, a profissionalização, a busca por recordes, a comercialização de seus signos e símbolos, e deste modo, orientaram suas práticas e representações em direção ao esporte espetáculo.

Pelo breve resgate histórico realizado, ancorado em uma perspectiva da sociologia do esporte, chega-se a análise de que as características da modernidade são expressas no montanhismo por meio da criação de uma nova modalidade¹⁷ e, segundo alguns praticantes, de uma “vulgarização” da prática do montanhismo. Contudo, nota-se que esta é uma questão de apropriação social que polariza os grupos que configuram o sub-campo esportivo do montanhismo. Assim sendo, este trabalho contribui com uma análise preliminar acerca de como as estruturas sociais desenvolvidas e postas em prática no período designado como modernidade, orientam processos mercadológicos, os quais interpenetram o sub-campo esportivo do montanhismo e produz “novas” orientações para essa prática.

Deste modo – hipoteticamente – acredita-se na relação entre o consumo e identidade como chave para o entendimento das mudanças culturais realizadas no montanhismo mundial e brasileiro.

Assim sendo, dentro deste contexto, o montanhismo como volta à natureza parece ser uma visão romantizada da prática e talvez uma estratégia pautada em um discurso ideológico para manter a prática e suas características distintivas longe da popularização que, provavelmente, leva à arregimentação de mais praticantes com características sociais distintas e que ao entrarem em contato com a lógica estabelecida de acordo com a apropriação social deste grupo “tradicional”, pode ocasionar uma dissidência e gerar outro grupo que possua idéias, valores e disposições para a prática diferentes, ocasionando rupturas estruturais e re-direcionar os sentidos e a lógica da prática do montanhismo no século XXI.

¹⁷ Em referência a criação de um novo estilo (escalada livre) que acaba popularizando o montanhismo e arregimentando muitos praticantes e é considerado como um desmembramento do montanhismo.

REFERÊNCIAS

BASS, D. *Seven summits*. Warner Books Inc. New York, 1986.

CAMACHO, A. S. *Las actividades físicas en la naturaleza en las sociedades occidentales de final de siglo*. Lecturas: Educación física e deportes Revista digital. Año 4. Nº 14. Buenos Aires, Junio 1999. <http://www.efdeportes.com/>

CANTORANI, J. R. H.; PILATTI, L. A. *O nicho 'Esportes de Aventura': um processo de civilização ou descivilização?* Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - Nº 87 - Agosto de 2005. <http://www.efdeportes.com/>

CANTORANI, J. R.; OLIVEIRA JR., C. R. *As atividades físicas de aventura na natureza: Um Estudo na Perspectiva do Processo Civilizador e da Tecnologia como Fator de Afastamento e Aproximação da Natureza*. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, 2005.

COSTA, C. S. C. *Formação profissional no esporte escalada*. (dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física). Rio de Janeiro, 2004.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FEIXA, C. (1995). *La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza*. Apunts, : Educación Física y Deportes, 41, 36-43.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HAUCK, P. *“Um pouco de História (sobre montanhista é claro)”*. Disponível em http://www.gentedemontanha.com/outrosartigos_historia.html#topo. Acessado em junho de 2008.

HIRATA, E.; PILATTI, L. A. *Modernidade e a indústria do entretenimento: O produto esporte moderno*. Efdeportes revista digital. Ano 11. n. 104. Buenos Aires, 2007.